

T5 - Resumo de passagens do livro *A realidade da cultura* (Regis de Moraes)

Alexandre Figueiredo Serigatto, Clara Froes, Helena Corrêa Yoshikawa, Pedro Collares
Com contribuições dos grupos e do professor

O texto, do filósofo e cientista social Regis de Moraes, define cultura como a trama de formas, costumes, sons de linguagem, sistemas relacionais e instituições aos quais somos expostos logo que nascemos. Na visão do antropólogo C. Kluckhohn (1963), a herança social (cultura) está em contraste com nossa herança orgânica (transmitida pelo código genético), oferecendo-nos subsídio para solucionar problemas e conviver de forma relativamente previsível com nossos semelhantes.

Toda a herança cultural recebida por um indivíduo não será necessariamente mantida por ele, pois existe a capacidade humana de transformação dessa herança. Como sugere o autor, oportuno "lembrar que o homem é pai das suas obras e, ao mesmo tempo, é filho delas". A vida cultural é, portanto, a relação estabelecida no contraponto entre a liberdade (de um homem como agente) e o condicionamento (sofrido por um ser humano que é paciente). Assim, a herança cultural afeta nossas vidas da mesma forma que nós a afetamos, porque a cultura é construída pelos seres humanos, sendo transmitida através das gerações, de forma modificada por cada um de seus herdeiros.

É possível pensar que a cultura tem um grande poder organizacional; é capaz de acumular conhecimento e promove previsibilidade no que se refere ao comportamento das pessoas.

Como expõe o filósofo Francisco Romero (1950), a realidade cultural não pode ser definida como um somatório dos pensamentos e ações individuais, já que estas ações não são parcelas de mesma natureza. A cultura seria, na verdade, uma síntese formada pelas articulações dos particulares, transcendendo, assim, o individual, com sentido mais amplo e peculiar. A cultura pode ser definida como a parte do ambiente construída pelo homem, englobando seus princípios e valores, além do contexto onde está inserida.

Régis de Moraes considera que Kant antecipou acontecimentos quando propôs um ramo antropológico que estudasse o que a natureza fez do homem, sugerindo que fosse chamado de "fisiológico" e outro ramo que estudasse o que o homem faz de si mesmo, que deveria ser denominado de pragmático. O primeiro se tornaria a antropologia biológica e o segundo aquela cultural ou social.

Em torno do conceito de cultura

O conceito de cultura pode ser abordado pela concepção clássica e aquelas antropológicas (descritiva, simbólica e estrutural), tal como propõe John Thompson (1995). A concepção clássica se associa às visões medievais e renascentistas nas quais a cultura era ligada aos estudiosos ou era relacionada com a arte de bem escrever e falar. Deste

modo, é possível defini-la como o processo de enobrecimento das faculdades humanas, sendo restrita a pessoas com acesso ao conhecimento acadêmico, às artes e à escrita.

No século XIX, emerge a perspectiva antropológica da cultura, o conceito perdendo aos poucos seu caráter eurocêntrico. Neste âmbito, nascem em primeiro lugar concepções descritivas: a abordagem evolucionista, na qual a cultura de um grupo humano é situada em diferentes estágios de desenvolvimento social e aquela funcionalista, na qual os fenômenos culturais são analisados em termos de suas funções para a satisfação das necessidades humanas.

Entre as décadas de 1960 e 1970, desenvolve-se a concepção simbólica de cultura. Assim, esta última é concebida como conjunto de significados incorporados nas formas simbólicas com os quais os indivíduos compartilham suas experiências e crenças. Enfim, a concepção estrutural de cultura enfatiza o contexto histórico e social no qual as simbologias dos fenômenos culturais são produzidas e compartilhadas.

A possibilidade do plenamente humano

A organização societária dos seres irracionais é o resultado de uma fatalidade biológica, como é o caso das abelhas. Estas últimas são geneticamente especializadas para sua vida social. Em contrapartida, os seres humanos necessitam a aprendizagem de sua cultura para participar do convívio social. O homem é um ser originariamente desdotado de especialização genética para a vida social, ou seja, o ser humano necessita dos processos de socialização para sua integração social.

Convém lembrar aqui das elaborações de Darcy Ribeiro (1950), para quem a cultura é constituída de três sistemas: 1º adaptativo, tratando da adaptação do homem em relação à natureza, permitindo obter os meios para sua sobrevivência; 2º associativo, relativo às associações entre os seres humanos; 3º ideológico, abordando a criação humana em termos das artes, técnicas, religiões ou ciências.

O homem necessita, portanto, da aprendizagem de sua cultura para sua integração social. Este aprendizado lhe permitirá modificar aquilo que lhe foi transmitido, o que permite então tratar da ideia de “plenamente humano”, associada à criação e inteligência humana. Nesta ótica, as sociedades mais tolerantes e democráticas, favoráveis à criatividade humana, abririam mais portas para o desenvolvimento da plenitude humana.

Referências

KLUCKHOHN, Clyde (1963), *Antropologia: um espelho para o homem*, Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

MORAIS, Regis (1992), *Estudos de filosofia da cultura*, São Paulo: Edições Loyola.

RIBEIRO, Darcy (1985), Teoria do Brasil, Petrópolis: Ed. Vozes.

ROMERO, Francisco (1950), El hombre y la cultura, Buenos Aires: Espasa-Calpe S.A.

THOMPSON, John (1995), Ideologia e cultura moderna, Petrópolis: Editora Vozes.